

CIDADE DE GOIÁS NA LITERATURA: PAISAGEM E IMAGINÁRIO DA CIDADE**CIDADE DE GOIÁS IN LITERATURE: LANDSCAPE AND THE CITY IMAGINARY**

Pedro Arthur Neves Pedreira

Graduado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(PUC-GO)

pedroarthurcrivello@gmail.com

Valéria Cristina Pereira da Silva

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
(UNESP)

valeria_silva@ufg.br

110

Resumo: Este artigo é o resultado de um projeto de pesquisa que busca compreender a paisagem cultural da Cidade de Goiás no imaginário social através da ótica da geografia cultural, onde procura-se estabelecer um elo entre o espaço e a poesia, trazido principalmente através da análise de vários autores e autoras nascidos em Goiás que escreveram poemas e crônicas sobre a Cidade de Goiás, contribuindo para enaltecer a imagem dela no imaginário social que vive nas pessoas que a visitam ou leem sobre ela. Os poemas trabalhados se dividem em publicações feitas no jornal “O lar”, antigo jornal de circulação da cidade, e publicações independentes de dois autores escolhidos por se aprofundarem na visão da cidade, sendo esses autores Leodegária de Jesus e Erico Curado.

Palavras-chaves: Cidade de Goiás. Imaginário. Paisagem Cultural. *O lar*.

Abstract: This article is the result of a research project with search for understand the cultural landscape of Cidade de Goiás in the social imaginary for the cultural geographic point of view, where search a link between space and poetry, bring especially with the review of authors born in Goiás who wrote poems and chronicles about this town, contributing for its image in the imaginary that lives inside the people who have visited or read about the town. The poems in this article are divide in publications at a local newspaper called “O lar” and independents publications of two specific authors, that deeply went in the city cultural point of view, these authors are Leodegaria de Jesus and Erico Curado.

Keywords: Cidade de Goiás. Imaginary. cultural landscape. *O lar*.

Introdução

A cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás, está situada entre serras e memórias, tem uma imagem consolidada no imaginário dos goianos e de

Building the way

diversos outros brasileiros na atualidade, principalmente por ser uma cidade histórica, preservando memórias do século passado em sua arquitetura e seu espaço.

A cidade de Goiás, foi tombada como patrimônio cultural da humanidade pela Organizações das nações unidas para educação, ciência e cultura (UNESCO, 2011). Devido a história e memória que circulam na cidade, muito se produziu sobre ela em textos literários, especialmente no gênero poemas, mas também em trechos de prosas, com autores renomados como Leodegária de Jesus, Erico Curado, Hugo de Carvalho Ramos e Cora Coralina.

O presente trabalho tratará da análise de dois vieses literários. Primeiro trazendo crônicas e poemas do Jornal *O lar*, jornal de publicação local considerado um marco na cidade por se tratar de um veículo de publicação de organização estreitamente feminina, e segundo os livros de poemas de publicações independentes de autores vilaboenses sendo estes Leodegária de Jesus com *Coroa de Lyrios*(1906) e Erico Curado (1956), incluindo o autor goiano Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (2010), autor contemporâneo que escreve sobre a memória da cidade de Goiás, para identificarmos se essa imagem permanece ou não ao longo do tempo.

O jornal *O lar* foi referência neste trabalho pois se tratou de um jornal de publicação e organização feminina, de poetisas que por questões da época não tinham tanto reconhecimento quanto alguns autores homens mais lutavam para conseguir seu espaço. Então esse trabalho pretende dar a atenção merecida para algumas de suas autoras.

Os textos apanhados do jornal, foram selecionados através de uma lida geral de algumas edições escolhidas, ao qual foram achados em um acevo na própria cidade de Goiás, os aqui citados foram separados por conterem elementos que contém um olhar que pode ser analisado pelo viés geográfico.

A metodologia de análise consiste na leitura de poemas e crônicas, que será feita em âmbito literário e fenomenológico-geográfico, que busca compreender a paisagem cultural, os aspectos sociais, características regionais e as relações dos habitantes com a cidade. Para trabalhar esse método usaremos a bibliografia de Bachelard (1993;1997), ao qual traz um aporte teórico para entender cada signo do espaço dando uma direção para entendermos como as condições do lugar em volta dos poetas e sobretudo suas vivências influenciam suas escritas.

Building the way

Em *A água e os sonhos* (1997) introduz a sua fenomenologia do espaço, dizendo quais são os símbolos de diversas culturas criados a partir dos 4 elementos: água, fogo, terra e ar. Nesse livro podemos identificar que o autor apresenta o imaginário em uma perspectiva do nosso reconhecimento através da matéria, ou seja, o que reconhecemos do mundo a nossa volta, o que é físico e percebido por nós através de nossos sentidos.

112

Sendo assim, neste trabalho entendemos o imaginário através de uma perspectiva fenomenológica, ou seja, podemos compreender e desvendar os símbolos sociais através dos acontecimentos e costumes da vivência de um povo, e uma das formas de observar essa fenomenologia é através da literatura mais fortemente através da linguagem poética.

Na introdução do livro *Poética do espaço* Bachelard (1993, p. 6) indica que de uma perspectiva fenomenológica, o poema tem uma característica marcante de despertar ressonâncias compartilhadas entre leitor e escritor. Em suma, o poema desperta sentimentos, lembranças e imagens que compõe o imaginário social do tempo e do lugar em que foi escrito.

Ao estabelecer a ligação do pensamento geográfico com a linguagem poética, utilizando o fato que todo o texto poético é escrito em um determinado tempo e lugar, portanto possui uma espacialidade, terminamos assim por unir geografia e literatura, ponto essencial para esse trabalho, pois assim poderemos identificar, através dos textos literários que serão apresentados na sequência do trabalho, a representação da cidade de Goiás para o imaginário social.

A paisagem da cidade de Goiás, percepções entre a Geografia e a Literatura

A cidade de Goiás deixou sua marca na história do Brasil não só pela arquitetura marcante sua paisagem natural, mas também no imaginário da literatura, de um momento que teve seu apogeu nos anos 1920, e seguiu sendo até hoje uma cidade com forte atividade cultural.

Muito se escreveu sobre a ponte do Rio Vermelho, a Serra Dourada e as ruas de pedras que até hoje são um marco da cidade. Goiás recebe turistas de todo Brasil para conhecer os lugares eternizados entre as linhas dos poetas.

Building the way

A literatura se mostra uma ferramenta importante para a história, mas também para a geografia, que usa das descrições do espaço para compreender melhor como era tal espaço em outros tempos. Como exemplo dessa importância cito a introdução do livro *Geografia e literatura*: “A geografia há muito tempo tem chamado atenção para a arte, em especial a literatura. Importantes geógrafos têm levantado o valor da literatura para conhecer e compreender regiões, paisagens ou lugares” (MARANDOLA; GRATÃO, 2010, p. 8).

O olhar geográfico para a literatura é uma forma de análise feita por quem estuda a fenomenologia e a geografia cultural, como Marandola Jr. e Gratão (2010, p.10) defendem, “a literatura, em todos os seus gêneros, produz uma espécie de conhecimento que cientista nenhum produz”, ao qual os autores chamam de um “conhecimento criativo” que pode ser usado para a ciência como uma nova forma de ver o mundo.

A vantagem que o geógrafo tem de recorrer a literatura, se relaciona a possibilidade de estudar além dos aspectos físicos do espaço, pois a literatura “não se limita à descrição de um lugar ou uma paisagem” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p.10), ela apresenta os aspectos culturais, sociais e inclusive as experiências dos autores para o texto.

Enxergar a geografia em obras literárias não parece óbvio a princípio, já que para alguns geógrafos os conhecimentos empíricos, adquiridos em campo era a principal ferramenta de estudos, mas, ao ampliar o olhar para as obras literárias é perceber uma “paisagem literária”.

Tais paisagens podem ser tanto naturais, ao qual a descrição é importante geograficamente por possuir aspectos físicos como relevo e vegetação, tanto quanto urbanos, como no caso de cidades e edificações feitas pelo homem, que carregam informes culturais e sociais.

No caso da paisagem urbana o aspecto humanista é ainda mais presente pois o que se descreve não é só o aspecto físico, mas, sim o que aquela paisagem significa para o observador. Nesse momento, ocorre o que os autores chamam do imaginário na paisagem, onde a presença da cidade no texto, passa a transmitir símbolos para o leitor, que muitas vezes estão atribuídas além das palavras. Como cita Silva (2021):

Building the way

A literatura pode interferir num lugar, numa paisagem. Em um duplo trânsito, a literatura tanto se apropria e cristaliza o imaginário social da cidade, como é responsável por criar novas imagens intensificando esse imaginário e seu simbolismo. Além de registrar a paisagem, o espaço-tempo, a memorabilidade de uma cidade (SILVA, 2021, p.15).

Identificar o simbolismo presente na literatura nos faz compreender como o autor percebe a imagem da cidade, superando o fator temporal, de não estarmos vivendo na mesma época que ele, e mesmo assim podemos conhecer a sua vivência, os seus costumes e seus conhecimentos que inspiravam sua obra.

Além de enxergarmos sobre “o que” os autores escrevem, para entender a geografia na literatura precisamos também saber o “porquê” de os autores escreverem sobre determinada paisagem, especialmente quando se trata de textos ambientados no local de origem do autor terra, como é o caso dos poemas e crônicas citados nesse trabalho.

O primeiro porquê está na geografia cultural através do conceito de *topofilia*, criado por Tuan (p.107, 1980), que se entende como um elo afetivo para com o lugar, um elo que pode ser alimento tanto por senso estético ou por experiências vividas naquela terra.

Nesse caso, podemos justificar que alguns autores colocam sua cidade em sua poesia por “amor a terra”, característica que tem sido atribuída à algumas correntes literárias como o romantismo, que produziu obras como *O Guarani* e *Iracema*, e o parnasianismo ao qual particularmente muito dessas influências estão presentes na literatura vilaboense.

A cidade de Goiás vista do jornal *O lar*

O jornal *O lar* foi um jornal que circulou somente na antiga capital do estado de Goiás, mas era considerado um renomado veículo de comunicação da época. Esse jornal, possuía um corpo editorial formado inteiramente por mulheres, os autores homens eram convidados, sendo sua editora chefe Oscarlina Alves Pinto.

O lar então torna-se um símbolo de entretenimento, cultura e de informação para as mulheres da época, sejam elas moças ou senhoras, e também para toda a população da cidade, foi um jornal que ilustrava muito bem a história do movimento feminista no interior do Brasil.

Building the way

Por ser um jornal local, suas notícias eram na maioria sobre acontecimentos referentes à própria cidade de Goiás e seus arredores. Este possui tanto textos noticiosos quanto textos literários, como poemas e crônicas, todos escritos por escritores locais, que contavam sobre como era viver na capital do estado no começo do século passado.

Sua primeira publicação foi em 1926 até a última em 1932, o jornal teve vida curta, mas muito contribuiu para reviver as histórias e memórias da cidade de Goiás, tanto que hoje suas páginas fazem parte do acervo do museu das bandeiras, para preservação do patrimônio documental da cidade de Goiás (MONTIEL, 1997).

Crônicas e poemas: características do povo e seus escritores

Algumas das crônicas e artigos publicados no jornal descreviam as relações sociais da cidade, como em *Quaresma*, em que Liam de Amorim documenta como ficou a situação das ruas depois das festas de carnaval, revelando tradições dessa festa de rua: “Pelo chão em fragmento fitas multicores de serpentinas, montes esparsos de confettis [sic], vidros quebrados de lança-perfumes...” (*O Lar*, 1º de março de 1927).

Através das festas populares podemos ver a interação dos moradores daquela cidade sejam eles ricos ou pobres, já que todas as classes sociais comemoram o carnaval em espaço aberto.

Um ponto marcante em muitas crônicas publicadas no jornal, e isso pode se repetir nos poemas também, é a exaltação das paisagens do entorno da cidade de Goiás. Tornando assim a cidade, um detalhe diante de seus aspectos naturais (como a flora, o relevo, o clima e fenômenos naturais como por exemplo o pôr e o nascer do sol) valorizando a simplicidade do território vilaboense, mas ao mesmo tempo utilizando de um ufanismo para exaltar a cidade e o entorno.

No texto intitulado *Do meu diário*, de autoria de Marilda Paulina, que em um caminho de volta para a capital descreve: a Serra Dourada, com um olhar lúdico enaltece seu tamanho comparando com um “estranho animal, fantástico, colossal” e a cidade em si era comparada a “um pequeno inseto” (*O Lar*, 1º de julho de 1927).

Nesse texto podemos observar uma escala da paisagem feita através de uma descrição que tem muito simbolismo. Pois a paisagem natural retratada pela

Building the way

autora, se torna mais importante do que a paisagem urbana, sendo que ela mostra com riqueza de detalhes as características sociais que as valorizavam, e ainda apresenta os elementos naturais como parte da identidade das pessoas e da cidade a caracterizando pela sua simplicidade.

No geral ao contrário do que se espera do gênero textual, as crônicas mostraram mais a relação do povo com o seu espaço, o amor à cidade e a paisagem, do que os aspectos cotidianos, porém essa característica não nos impede de observar que o povo vilaboense, principalmente os poetas, estava mais próximo da natureza e a aproximação com o simples e o bucólico do campo do que com a correria da vida de uma capital estadual.

Os poemas publicados neste jornal são na sua maioria sonetos (4 estrofes sendo 2 de 4 versos e 2 de 3 versos), este era um tipo de texto recorrente no corpo do jornal. O que nos leva a levantar indícios de que os leitores tinham um certo apreço pelo texto lírico.

Uma característica que chama a atenção, e ficou evidenciado durante a análise dos poemas que compõem esse trabalho, é que muitos deles também abordam a valorização da paisagem local, dando um tom “ufanista” a essa poesia.

Em *Á minha terra*, de autoria de Leodegária de Jesus (1889-1978), observa-se o uso de uma linguagem cativante para descrever as paisagens entorno da cidade, a autora exaltada a beleza das paisagens naturais:

Ver uma vez ainda esta querida
serra dourada que Minh 'alma adora
e o velho rio, o Cantagalo, a ermida
Eis o que sonho unicamente agora.
(JESUS, “À minha terra”, jornal *O Lar*, 1º de julho de 1927).

A Serra Dourada, volta a ser reverenciada pela autora em “hymno(*sic*) à Goyaz” onde além das belezas naturais citadas, ela enfatiza também a riqueza encontrada nos rios metaforizada por “pérolas”, com uma clara alusão a economia garimpeira que foi muito forte na cidade de Goiás em seu auge, como podemos ver:

Que paiz [*sic*] é mais rico e mais forte
Que esta terra por Deus bem fadada?
Cujos rios gigantes dão perolas!
Que possui[*sic*]uma “Serra Dourada!

Building the way

(JESUS, hymno à Goyaz, jornal O lar, 30 de outubro de 1929).

A Serra Dourada ganha uma certa adoração para os vilaboenses, pois para eles é um símbolo de imponência, beleza e riqueza, o motivo pelo qual foi fundada a cidade (garimpo) que batiza a imponente formação geológica característica do local. É uma grande serra não só no sentido literal, mas também no sentido imaginário, pois para esse povo é símbolo do seu orgulho.

117

A paisagem também se torna um prêmio, uma terra recompensada por um ato heroico, advindo do pensamento colonialista que os bandeirantes eram heróis que conquistaram a região, trazendo “civilidade” aos povos indígenas, e por isso ganharam o direito de habitar essa região que tem por uma das características ser muito bela. No poema intitulado “*Anhanguera*”, Erico Curado (1880-1961) descreve a trajetória do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, cuja seu apelido dá nome ao poema, que vence as tribos indígenas, e consegue conquistar uma terra que possui ouro:

Salve, anhanguera! Em lendas e cantigas
Brilha o teu feito e cresce mais e mais
Bello(*sic*) e sublime em tradições antigas,
Abrindo heroico, os fastos de Goyaz...

Resgate ao mundo um sol de um mundo novo
Palpitante de vidas e de belezas
-éden que sonha à sombra das florestas (CURADO, Erico
Anhanguera, O lar, 1º de outubro de 1927.)

Nesse poema, Curado também faz uso do arquétipo do herói local. Sendo essa, uma maneira dos leitores se identificarem com o poema, que exalta sua terra e principalmente sua origem, além de destacar a paisagem natural.

Ao ler os poemas, fazemos importantes observações da paisagem. Não só das características físicas do espaço, mas também das interações sociais, a partir das festas e de outros pontos de encontros apresentados pelos autores. Os bailes são bem referenciados em dois poemas encontrados no acervo.

Em *Carta a Bertha*, de autora de Alfredo de Castro (*O Lar*, 15 de janeiro de 1928), podemos observar alguns indícios de que o baile referenciado no poema, era destinado a uma elite social e cultural da região, era um baile de máscaras, um evento peculiar que na época era destinado apenas para classe mais abastada. Ainda temos

Building the way

o eu lírico que muitas vezes conversa em francês, língua apreciada pela elite intelectual da época.

Já no poema, *No Baile*, o autor Erico Curado não só cita o evento social, mas também descreve como a elite social vilaboense se comportava em tal ocasião:

“Era no baile... a sala iluminada
Restrugia de risos e gorjeios
Revoluteiam sob a luz dourada
Braços e colos, seduções e enleios.” (CURADO, *No Baile*, *jornal O Lar*,
30 de agosto de 1929).

118

Como visto no trecho acima o baile era um lugar de divertimento e interação entre as pessoas, principalmente para aqueles que buscavam um par romântico, ou seja, era um momento de encontros. O ambiente descrito pelo autor, remete ao requinte da sociedade mais abastada da época, o que nos leva a imaginar que esse era um dos programas favoritos dessas pessoas.

Ao escrever para o jornal *O Lar*, Erico Curado contextualiza o ambiente de bailes, mas, em seus outros poemas, o autor escreve sobre encontros das pessoas das classes sociais mais baixas, como no *Canto XX*, de sua coletânea de poesias intitulada *Sombras do meu Caminho*, em que ele descreve uma noite de festas populares da região:

“...
As violas repinicom... E ao clarão
Faiscante das fogueiras, vão em bando
Os matutos e as moças vão dançando
Ao concerto de palmas e bordões.”
(CURADO, Erico, *Poesia II- Sombras do meu caminho* 1956, p.106).

Ao ler os poemas, de Erico Curado, percebemos a diferença no modo de festejar das pessoas na cidade de Goiás, enquanto nas festas populares se tocava viola em volta da fogueira, nas festas chiques da cidade se dançava valsa em um salão. O que nos mostra as nuances entre classes sociais o que é bem representado pelo poeta.

Ainda se faz relevante citar, o poema de Marilda Palínia intitulado *Minha Casa*, que evoca um símbolo importante no imaginário espacial, principalmente quando se trata, na identificação do imaginário, que é símbolo da casa. Para a cidade

Building the way

de Goiás a figura da “casa” é marcante pois a arquitetura das moradias locais é bem característica. No poema a autora descreve:

A casa é velha,
Pesada,
Chata,
Branca.
Olha o rio,
Olha a ponte
Olha as árvores
Com seus olhos apagados e vastos das janelas.
Abertas.
(PALINIA, Marilda “minha casa”, O lar, 15 de agosto de 1928).

A casa para Bachelard (1993, p. 200) é o primeiro lugar de abrigo do ser humano e o primeiro lugar que o ser humano entende o que está ao seu redor “pois, a casa é o nosso canto no mundo”. Ela é, como se diz frequentemente, ‘nosso primeiro universo’.

A casa, simbolicamente, não precisa ser um lugar com padrões arquitetônicos, mas sim o espaço onde o ser humano habita e se abriga. Ao falar sobre a casa, a autora complementa a cidade, onde as pessoas moram e passam suas vidas, é uma parte da identidade das pessoas e conseqüentemente da própria cidade, que especialmente é formada por essas construções e temporalmente pela “vida” dessas pessoas.

Quando Marilda Palínia descreve a sua casa como *velha, pesada e chata*, podemos associar que ela indica que as outras tantas casas de Goiás também têm essas características. À primeira vista, essa descrição pode parecer depreciativa, mas ao ler o poema é possível observar que há uma valorização dessa casa velha e de suas características, pois há uma fascinação na memória que ela traz:

...Na velha casa,
Pesada,
Chata,
Branca,
Em vejo a avozinha.
Alta morena e forte,
Com uns lindos olhos inteligentes,
Sentada á larga rēde cuyabana(*sic*),
No meio dos netinhos,
Que correm,
Pulam,

Building the way

Gritam,
Cantam,
Brigam,
A, como um punhado de borboletas
Se espalham pelo pateo (sic).
Eu me vejo entre elles,
Pequena, ágil, travessa,
Trigueira como uma índia.”
(PALÍNIA, Marilda, *Minha casa*, *O lar*, 15 de agosto de 1928).

120

Ao mostrar essa casa velha como casa acolhedora, se remetendo ao tempo de infância, também identificamos que há sempre uma busca pela comparação da primeira casa, simbolizando sempre a casa da infância, com a nova casa (BACHELARD, 1993, p.201).

Observando assim, que os poetas citados além de escreverem sobre a cidade, apresentam as suas impressões pessoais do cotidiano, e para representar essas, eles se agarravam às lembranças da infância e dos seus antepassados, criando assim, uma valorização do antigo e do nostálgico, tornado a cidade de Goiás, daquela época, uma cidade da memória.

Autoras e autores e o lugar através das palavras na cidade de letras

Esse tópico tratará mais especificamente do trabalho de dois autores atuantes no jornal *O Lar*, a fim de aprofundar mais nas descrições geográficas dos seus textos que foram encontradas em publicações fora das páginas do jornal. Para começar iremos falar de Erico Curado, um importante nome na literatura vilaboense. Foi autor de inúmeras publicações em jornais da região, incluindo *O lar*, onde era autor convidado, ele escreveu vários poemas exaltando a cidade, a fé cristã e principalmente a paisagem natural do sertão goiano.

Em sua escrita, o autor faz diversas referências as árvores, e as flores nativas do estado de Goiás, em *Agosto*, por exemplo, exalta as flores do ipê amarelo, as comparando com o ouro, que foi importante fonte de renda para a cidade no início de sua de sua colonização, assim, o autor mistura o valor natural da paisagem com o seu valor social:

...Veja um ipê todo em flor,
E' ouro, é luz, é esplendor.

Building the way

Não há tesouro mais lindo.
(CURADO, Erico, *Poesia I-cavaleiros da lua* 1956, p.13)

Erico Curado volta a exaltar as características naturais em *Buriti Sozinho*. Nesse poema, ele evidencia a presença da árvore de buriti que chamava atenção na região, por ser uma frondosa árvore e uma espécie tão querida para o povo da região, perto da Serra Dourada nos arredores da cidade de Goiás:

121

Ó buriti sozinho, alto rei singular,
Que te aprumas, sublime, avassalando a serra
E a imensidade azul, com teu régio cocar
Que atroa a vastidão como um tambor de guerra!
(CURADO, Erico, *Poesia I- cavaleiros da lua II- rimas em lá menor*, 1956, p.66).

O autor, também já registrou em seus poemas características culturais da cidade de Goiás, retratando as festas religiosas como o Natal e a Páscoa, bem como descrevia a alegria e a simplicidade do povo. Saindo do ponto de vista masculino, da visão do cavalheirismo e do poema épico, vamos para uma visão feminina que por mais que tenha os seus traços de exaltação parnasiana, tem uma delicada tristeza romântica e nostalgia perante a vivência da cidade.

Primeira vez publicado em 1906 ainda pela antiga ortografia de um século atrás *Coroa de Lyrios* de autoria de Leodegária de Jesus, foi um importante marco por se tratar da imensa contribuição de uma mulher negra para a literatura vilaboense.

Mesmo ela sendo também escritora do jornal *O lar*, de forma que seus poemas já analisados, se faz necessário das destaque ao poema *Coroa de Lírios*, que a autora publicou recentemente, no ano de 2020. Este poema apresenta um ponto de vista diferente dos demais poetas aqui discutido, como disse Siqueira, em prólogo dentro de uma reimpressão de tal obra:

Os “pálidos lírios” convertidos em poemas trazem a marca de uma subjetividade alquebrada pela dor da desilusão amorosa e do desprezo dos demais poetas desse tempo, que a mantém na marginalidade não só por ser mulher, mas, evidentemente por ser uma mulher negra, e, em certo sentido, uma forasteira para velha capital.
(SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima in *JESUS, Leodegária de*, 2020, p.71).

Building the way

Os poemas de Leodegária, são mais melancólicos e fazem alusão a outras perspectivas da cidade, diferente do que é descrito nos poemas sobre os bailes de Erico Curado, por exemplo, que tinha uma vivência mais alegre da época. Os poemas da autora ainda apresentam características próximas das utilizadas pelos autores vilaboenses da mesma época, como a religiosidade e a exaltação da paisagem local, mas envolve temas mais melancólicos como a saudade, o abandono e o luto.

Em *Último Adeus*, a autora trata de momentos de tristeza relacionados ao abandono por alguém querido:

À tarde, bem me lembro, declinava
Enquanto, na igreja, soluçava,
O sino:- ave maria
Era a hora pesada de tristeza
...
las partir; em lagrimas banhadas
Disse-te então, com voz estrangulada
(JESUS, Leodegária de. *O Derradeiro adeus, Coroa de Lírios*, 2020, p.48).

Um detalhe a ser ressaltado neste poema, é a comunicação pelos sinos como uma manifestação cultural, tal fato é muito característico de cidades coloniais, como era a cidade de Goiás, que tinha a igreja como principal ponto de acesso a cultura e organização social, onde os sinos faziam não só a função de preceder festejos religiosos, mas também de comunicação de falecimento das pessoas como por exemplo (PEREIRA, 2013, p.41).

A linguagem dos sinos é referenciada novamente em *Ave Maria* (JESUS, 2020, p.56) que além da presença dos sinos a autora descreve a paisagem natural, exaltando a beleza do pôr-do-sol por detrás dos montes, por exemplo.

A presença do sino, nos poemas nos ajuda a ambientar melhor os versos, para além das descrições físicas do pôr-do-sol, que também indica uma característica forte das cidades coloniais, principalmente como um meio de linguagem utilizada pois para os leigos o toque de angelus (9 pancadas nos horários de 12h, 18h e 20h) durante o pôr-do-sol é conhecido como toque de Ave Maria (PEREIRA, 2013, p.76).

Leodegária foi uma poetisa que fez muita referência a sua memória afetiva do local em que viveu, apresenta muitas lembranças sofridas, pelas suas histórias de luta como mulher negra. Em *Jataí* a poetisa evoca a paisagem da cidade ao descrever:

Building the way

“ao longe, brancas casinhas” e “o burburinho da fonte”, para descrever “terra querida” onde passará “a infância minha florida” (JESUS, 2020, p.31).

Erico Curado e Leodegária de Jesus tinham visões do mundo distintas, mas ainda assim preservam as características mais marcantes das poesias vilaboense, como a adoração pela própria cidade e pela paisagem natural que continua bastante forte na até então capital do estado de Goiás.

O imaginário da cidade de Goiás: entre memória e literatura

Como podemos observar uma característica marcante na linguagem lírica de todos os poemas e crônicas analisados aqui neste trabalho, foi que a valorização da paisagem é amplamente usada, com o objetivo exaltar não só a própria cidade, mas também a sua história.

Além da topofilia dos autores pela cidade de Goiás, podemos ver também que esse tipo de linguagem é bem característico de uma escola literária do romantismo, que foi influência marcante para os autores vilaboenses.

Como foi apontado por Goyano e Catelan (1968, p.61) no período de 1928 até 1942, a literatura brasileira foi muita influenciada pelos movimentos simbolista e parnasiano, porém em Goiás essa se manteve um pouco atrasada, ou melhor, apegada ao seu movimento tradicional, pois os autores goianos por mais que se arriscassem um pouco nesses dois estilos, eles não abandonavam sua base romântica.

A persistência na base romântica se deu em Goiás, muito fortemente nesse período, por um apego tradicional, principalmente pelo modo como os autores viam a cidade. Apenas alguns autores trabalhavam mais o simbolismo nas suas obras, sendo Hugo de Carvalho Ramos um dos pioneiros com *Tropas e Boiadas* (GOYANO; CATELAN, 1968).

Temos assim a grande valorização da paisagem, principalmente nos aspectos naturais, como se pode observar os elementos físicos referenciados nos poemas, sendo o principal deles a Serra Dourada, como símbolo de beleza, respeito e orgulho por morar naquela cidade.

Tratando-se da simbologia da cidade de Goiás, poderia se dizer que ela se tornou uma cidade formada por memórias. Como ela se tornou um patrimônio histórico

Building the way

e cultural, essa visão de “passado”, “colonial”, “rústico” é preservada em seu imaginário social e concretizada nas diversas formas de arte e literatura.

Já vimos que mesmo antigamente os autores evocavam elementos da memória, as vezes uma memória da infância, para descrever o sentimento ou espaço que eles queriam valorizar em seus poemas, e essa percepção se mantém até hoje, para os autores que ainda escrevem sobre a cidade de Goiás.

Em seu poema *Beiral e guarda pós das casas de Goyaz*, Curado (2012, p.12), descreve minuciosamente características das casas da cidade. No início o autor a denomina de “velha capital” para descrever a cidade e utiliza de adjetivos como “assimétricos, tortos e desnivelados...” para falar dos casarões. Mas, em oposição a tal declaração o autor diz, que mesmo assim as casas remetiam há dias felizes, e as beiras das casas tinham uma beira poética.

Nesse ponto, vemos que o simbolismo da casa novamente, que remete às memórias e nostalgia, e conseqüentemente vemos a valorização do “antigo” como algo belo e poético.

As histórias da cidade, as relações sociais do povo, também se mostra presente em seus poemas, e muito mais atrelados a uma situação de memória. Em “*A Mocinha do Chafariz da Vila Boa*”, o autor mostra uma personagem que lembra de vários acontecimentos ao ver os monumentos da cidade, misturando a paisagem com as lembranças de um outro tempo:

...Lembra os namoros de outrora
No coreto de alvenaria.
O casarão de Chiquinho Perillo,
A casa de Consuelo Caiado
Tão branquinha e caidinha

Mocinha do chafariz do Largo da Matriz
Do Largo do Palácio,
Viu Cair a catedral,
Viu ergue-se novamente
Monumental...

(CURADO, Enrico, *A mocinha do Chafariz da Vila boa*, 2012, p.37)

Podemos observar, que nos poemas de Curado (2012) embora sendo escritos em tempos contemporâneos, remetem a um passado da cidade de Goiás. A memória está presente em cada ponto da cidade pois carregam a memória dos seus cidadãos e dos seus antepassados, inclusive de acontecimentos específicos como o

Building the way

desabamento da catedral, preservando a sua identidade de referenciar às vivências antigas.

Portanto, se observa que mesmo em uma visão contemporânea o ambiente bucólico da cidade e os elementos naturais estão presente na poesia goianiense, fazendo assim a paisagem da cidade de Goiás, ser não só a paisagem de uma cidade interiorana que costumava ser a capital, mas uma paisagem de memórias transformadas em literatura que nos devolve a paisagem vivida.

125

Conclusão

Após a leitura dos poemas e crônicas apresentadas ao longo deste trabalho, fica a ideia de que a cidade de Goiás aparece no imaginário social, como uma cidade da memória e da poesia. Os poetas do século passado usavam, entre outros artifícios, a própria experiência de vida, para falar da paisagem da cidade, de Goiás como um reduto da sua infância e vida adulta. Hoje, mais de um século depois de algumas dessas publicações, essas experiências poéticas se tornaram a memória daquele tempo que se preserva até o século presente.

As pessoas muitas vezes querem viver “a Goiás” do tempo passado, pois sabem do seu valor histórico. Isso é possível pois sua história ficou preservada seja na paisagem, na arquitetura, mas sobretudo na poesia que une todos esses aspectos. Os poemas além de retratarem as paisagens da cidade (que se mantiveram preservadas, pelo fato de Goiás ser um patrimônio histórico da humanidade) retratam também linguagens, maneiras e formas de viver e de ver o mundo, que ficaram tão presentes como a arquitetura colonial que ainda faz parte da cidade hoje.

Nesse sentido a Goiás que vivemos sempre terá alguma influência da Goiás lírica, a cidade descrita pelos poetas, transformando nossa experiência atual, com esse imaginário construído de que Goiás estará sempre referenciando sua idade de ouro na literatura, nosso olhar para Goiás sempre será o de Goiás do passado.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*; [tradução Antônio de Pádua Danesi]. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Building the way

AMORIM, Liam de. *Quaresma, Jornal: O lar*, 1º de março, cidade de Goiás, 1927.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. *Coração de terra: pulsações Telúricas pelo chão de Goyaz*, Goiânia: PUC-GO/ Kelps, 2012.

CURADO, Erico. *Poesia I- Cavaleiros da Lua Li- Rimas em Lá Menor, Bolsa de Publicação "Hugo de Carvalho Ramos"*, Goiânia, 1956.

CURADO, Erico. *No baile, Jornal: O lar*, 30 de agosto, cidade de Goiás, 1929.

JESUS, Leodergaria de. *À minha terra, Jornal O lar*, 1º de julho, página 3, cidade de Goiás, 1927.

JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*, Coleção Gleba/poesia, cidade de Goiás, 2020.

GOYANO, Augusto; CATELAN, Álvaro. *Súmula da literatura goiana*, Livraria Brasil Central editora, Goiânia, 1968.

MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação*. Londrina, EDUEL, editora da universidade estadual de Londrina, 2010.

MONTIEL, Rosane. *Arquivos: memórias vivas de Goiás: a criação de uma instituição de arquivo na cidade de Goiás*, Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 21, n.1, p.51-77, 1997

PAULINA, Marilda. *Em meu diário, Jornal: O lar*, 1º de Julho, cidade de Goiás, 1927.

PEREIRA, Joyce Kimarco do Carmo. *Entre festejos e ofícios: um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos sinos de São João del Rei/ Minas Gerais*. Belo Horizonte, UFMG, 2017.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*; instituto centro brasileiro de cultura, Goiânia, 1917.

SILVA, Valeria Cristina Pereira da. Espaço e literatura na paisagem cultural: Referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX. *Revista da ANPEGE*, [S.l.], v. 16, n. 31, p. 360-376, mar. 2021. ISSN 1679-768X. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/10991>>. Acesso em: 09 mar. 2021. doi:<https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.10991>.

SUZUKI, Júlio César. *Espaço, sujeito e existência: diálogos espaço geográfico das artes*. Júlio César Suzuki, Everaldo Batista da Costa e Eduardo Baider Stefani, Organizadores. -- Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.